

## LITERATURA E MÚSICA: UMA LEITURA PARA SURDOS

Alessandra Alves Vieira Ribeiro (PUC Goiás)<sup>1</sup>  
Divino José Pinto<sup>2</sup>

**Resumo:** Nesta investigação parte do pressuposto de que os signos são entidades do conhecimento e da percepção. São instrumentos de comunicação e representação. Com eles, configuramos a realidade e distinguimos os objetos entre si. Objetiva-se, portanto, verificar, pela interpretação em Língua de Sinais, de clássicos literários e musicais, a construção de sentidos, para o surdo, pelos signos e o estabelecimento da relação dialógica de sua dimensão estética. Nesta concepção de educação para a sensibilidade há possibilidades inexploradas que potencializam o aprendizado em geral do surdo e contribui para a sua percepção universal pela via artística, literária e musical.

**Palavras-chave:** Literatura; Música; Surdez; Discurso.

### Introdução

A comunidade surda, historicamente segregada, possui poucas referências educacionais, culturais e bibliográficas que tratem do seu desenvolvimento e de sua realidade como participação do mundo.

O Estudo em pauta pretende contribuir para desmistificação dos processos de aprendizado e formação dos signos necessários à apreensão do conhecimento, compreendendo linguagem como via de comunicação entre o mundo e o ser que permite gerir a relação entre meio e as estruturas mentais do desenvolvimento. Potencializar esta linguagem, seja pela leitura literária, seja pela leitura do signo musical, na busca da interpretação e da imersão do indivíduo surdo no universo imaginário, é proporcionar-lhe condições semelhantes às quais possuem os ouvintes. As habilidades que decorrem desta ação só podem ser valoradas quando observamos a diferença notável entre sua ausência e sua posterior conquista. A leitura, literária e musical, associada à devida interpretação em Língua de Sinais, irá corresponder para a integralidade do aprendizado do surdo, assim como o é para o ouvinte.

O estado da arte sobre o tema indica a presença de pouca pesquisa bibliográfica realizada nesta direção, o que nos impõe a necessidade imperativa de relacionar teorias de aprendizado, construção de signos, surdez graus e particularidades, história e cultura

---

<sup>1</sup> Alessandra Alves Vieira Ribeiro, Mestranda em Letras - Literatura e Crítica Literária (PUC Goiás), graduada em Terapia Ocupacional (PUC Goiás), Licenciada em Biologia (UVA) e Especialista em Libras (Faculdade DELTA), Contato: alessandraalvesvieira@gmail.com.

<sup>2</sup> Doutor em Letras – Teoria da Literatura (UNESP), professor Adjunto da PUC Goiás.

surda, literatura, teoria musical, física acústica entre outros saberes para compreender o universo silencioso do surdo; posicionando-nos diante de um caminho para a inovação. Socialmente a busca é pela contribuição com o processo de formação humana desta comunidade, sabendo que a escassez de direcionamentos metodológicos gera mitos e orientações errôneas, sem fundamentação acerca do processo de construção individual e coletiva do surdo. Dessa forma, nossa contribuição pretende gerar aporte para esta comunidade apropriar-se cada vez mais de sua culturalidade.

Cientificamente, abrimos uma perspectiva de muitos trabalhos, nossa pergunta científica se ramifica inter-relacionando com várias frentes do saber inexploradas no âmbito desta comunidade, o que acreditamos possa gerar ainda muitas dissertações e teses.

Objetivamente, nesta pesquisa, exploram-se os conteúdos que fundamentarão o desenvolvimento integral dos surdos, a partir da leitura estética, desmistificando preconceitos e criando premissas para trilhar caminhos consistentes para tal propósito. Em princípio, pretende-se: compreender a Língua Sinais - LIBRAS e sua estrutura linguística, entender também a surdez, suas particularidades e níveis, compreender a construção dos significados e sentidos, bem como a sua apropriação pelos surdos. Fundamentaremos a Literatura e a Música para o surdo delineando possibilidades de ganhos em seu desenvolvimento global, seu aprendizado pela sensibilização estética, apropriando-nos de conceitos gerais da Educação de Surdos, no contexto e no processo de Ensino e Aprendizado mediados pela Língua de Sinais para criação de efetivo estético canal de saber para o surdo.

## **1. Falando da LIBRAS**

A LIBRAS, como todas as línguas de sinais, é a língua natural da comunidade surda no Brasil. A Língua de Sinais é considerada natural, por apresentar, de maneira espontânea a interação individual e das pessoas que possibilitaram aos seus usuários a manifestação de diferentes conceitos, na organização, estrutura formal e gramatical própria, sejam eles metafóricos, racionais, emotivos, para estabelecer a comunicação da comunidade surda.

Neste contexto, a língua portuguesa pode e deve ser aprendida, mas é considerada uma segunda língua para uso na modalidade escrita. O reconhecimento da Língua de

Sinais e de seus aspectos linguísticos se deu a partir dos estudos e pesquisas do linguista americano William Stokoe em 1960, que comprovou a sua complexidade, demonstrando que a Língua de Sinais possui regras gramaticais próprias, e que não é uma simples coleção de sinais ou mímicas. Esta complexidade na estrutura interna do sinal e suas várias formas e operações permite a expressão de conceitos abstratos e a produção de uma quantidade infinita de sentenças necessárias a comunicação.

A comunicação em Língua de Sinais é realizada por meio de associações de sinais, que remetem as imagens, ícones e objetos concretos por meio de símbolos arbitrários relacionados aos elementos de natureza. Do ponto de vista operacional, das línguas orais, a Libras não dispõe de sinais para artigos, para maior parte das preposições e das conjunções do Português já que o significado expresso por tais elementos está contido no próprio sinal.

Sua construção e origem tem a influência histórica em outras línguas de sinais específicas. Afirma-se, por exemplo, que a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) tem sua origem na Língua Francesa de Sinais (LSF). Esta influência linguística da LSF sobre a LIBRAS teria se dado a partir do contato de um surdo francês, chamado Ernest Huet, que veio ao Brasil em 1855, a pedido do Imperador Dom Pedro II, para fundar a primeira escola para surdos brasileiros, antes chamada Instituto Imperial de Surdos-Mudos, atual Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), no Rio de Janeiro.

A LIBRAS é composta por alfabeto digital baseado no alfabeto comum de A a Z, permitindo a soletração e tradução para o Português ou qualquer outra língua alfabética, possibilitando representar sinais inexistentes pela Datilologia. Esta forma de representação é secundária, pois se baseia em um primeiro sistema, o da língua alfabética, enquanto que os sinais constituem um sistema primário de representação.

## **2. Educação de Surdos**

A educação de surdos vem passando por diferentes transformações, no sentido de discutir as diversas formas de aprendizado, a valorização de sua língua e sua cultura.

Vygotsky (1989) pontua que o significado das palavras é um fenômeno do pensamento apenas na medida em que o pensamento ganha o corpo por meio da fala e só é um fenômeno da fala na medida em que esta é ligada ao pensamento, sendo iluminada

por ele. Este intrincado e complexo sistema, é corroborado por pensadores da tradução quando afirmam que não há pensamento sem signo.

A relação do ser humano com o mundo, ainda servindo das postulações de Vygotski (1989) é mediada pela linguagem nas relações com outros seres humanos num contexto social e histórico. Este processo de mediação acontece nas interações sociais, pela, linguagem e afeta a cada pessoa subjetivamente.

Neste sentido, entendemos que o ensino de LIBRAS não deve se limitar a informações léxicas isoladas. Devido ao papel sócio-histórico-cultural da linguagem, o significado da palavra (ou do sinal, no caso das línguas de sinais) deve se prestar à formação concreta da consciência socioestética do funcionamento mental superior do surdo.

Skliar (1998), aborda a compreensão da surdez como diferença, reconhecendo o direito do surdo ao aprendizado da Língua de Sinais como primeira língua, sua língua de instrução.

Noam Chomsky (1971) postula que todos os seres humanos possuem a capacidade para o desenvolvimento da linguagem, uma vez que ao nascer, a criança já está pré-programada para desenvolver a linguagem, e isso acontecerá à medida que esta é exposta a alguma língua; seja ela oral-auditiva ou gestual-visual, porque será permitido o input linguístico a partir das hipóteses que vai construindo com o meio.

Essa teoria gerativista discute que a aquisição da linguagem é uma questão de maturação de uma capacidade linguística inata, que com o tempo se aguça e adquire sua manifestação específica através da experiência. A linguagem como algo que não pode ser ensinado e não adquire através de exercícios de treino, mas somente apresenta condições para que se desenvolva espontaneamente na mente humana ao seu próprio modo.

Dessa maneira, aprender a linguagem é extrair aquilo que está inato na mente. É através da linguagem que somos capazes de expressar pensamentos desde os mais simples até os mais complexos e reagir a situações novas.

Nessa perspectiva, a educação de surdos é formada por um conjunto de estruturas e de conceitos, ou seja, um sistema de regras que possui uma forma. Essa forma da língua é responsável pela maturação da capacidade linguística inata.

Em suas discussões sobre a aquisição do conhecimento e da linguagem, o autor propõe a existência de um sistema gerativo de regras que faz o uso finito de meios

infinitos. Assim, ”a língua é uma estrutura de formas e conceitos baseada num sistema de regras que determinam suas interrelações arranjos e organização. Mas essas matérias-primas finitas podem se combinar para resultar num produto infinito” (CHOMSKY, 1971, p. 29)

Piaget (1986), apresenta a seguinte discussão: A linguagem constitui fator imprescindível para a comunicação. De acordo com o autor:

[...] não é menos evidente que quanto mais refinadas as estruturas do pensamento, mais a linguagem será necessária para complementar a elaboração delas. A linguagem, portanto, é condição necessária, mas não suficiente para a construção de operações lógicas. Ela é necessária, pois sem o sistema de expressão simbólica, que constitui a linguagem, as operações permaneceriam no estado de ações sucessivas, sem jamais se integrar em sistemas simultâneos ou que contivessem, ao mesmo tempo, um conjunto de transformações solidárias. Por outro lado, sem a linguagem as operações permaneceriam individuais e ignorariam, em consequência esta regularização que resulta da troca individual e da cooperação. (PIAGET, 1986, p. 92).

A construção do pensamento e da linguagem, nesta visão, está ligada à interação e mediação da criança com o outro e com o mundo, seu desenvolvimento é resultado de uma evolução gradativa que vai se consolidando à medida que essa criança se envolve em níveis cada vez mais complexos do conhecimento, seguindo uma sequência lógica, a saber: sensório-motor, pré-operatório e operatório concreto.

Percebemos então a necessidade da valorização da Língua de Sinais e a cultura para os surdos e suas comunidades e que a linguagem não é só meio de comunicação, mas é constituidora do pensamento essencial para o desenvolvimento cognitivo e suas relações interpessoais vivenciadas, envolvendo significação e um valor semiótico.

Este valor não se restringe somente em comunicação para educação e formação de surdos, e sim, em uma língua concreta que possibilita às pessoas acometidas pela surdez comunicarem-se adequadamente em todas as fases da vida.

### **3. Signo e Significação**

A influência recíproca entre o pensamento e a linguagem é fundamental para o surgimento de significados individuais e coletivos. Charles Peirce (1972) sinaliza, pela Semiótica “pragmática”, a capacidade de observarmos os efeitos dos signos na mente interpretadora de um interlocutor presente ou suposto. Esta perspectiva, que atenta para

o processo de decodificação do signo, da palavra ou ainda, do sinal, se configura como um bom fundamento para a valorização do ensino da LIBRAS. Partindo da perspectiva da semiótica pragmática, entendemos que a LIBRAS deve ser ensinada com uma metodologia própria de língua estrangeira, pois neste contexto, marcado pela necessidade de comunicação social, a capacidade de gerar significados melhora, e muito, o aprendizado dos usuários desta língua.

#### **4. Musicalidade e surdez**

A Musicalidade para Surdos enfrenta diversas discussões: “A música é vista como algo que as pessoas Surdas não podem fazer, uma vez que se trata de um fenômeno que deva ser experimentado através da audição segundo” (CRUZ 1997). Muitos trabalhos musicais têm sido desenvolvidos com Surdos. Hagiara-Cervellini cita que:

Musicalidade é a possibilidade que o homem tem de expressar a música interna, ou entrar em sintonia com a música externa, por meio do seu corpo e seus movimentos, por meio da sua voz, cantando, do tocar, do perceber um instrumento sonoro musical ou não, ou de uma escuta musical atenta. (HAGUIARA-CERVELLINI, 2003, p. 75).

Assim, sendo a música um meio de comunicação não verbal, a percepção do ritmo, da melodia e da harmonia, é necessária a todo o ser humano, independe da faculdade auditiva ou de sua falta. Uma pessoa surda ou com deficiência auditiva severa também é um ser musical ativo. Pessoas que não têm a capacidade de escutar podem sentir a música por meio de vibrações, pois sentem os batimentos cardíacos, o ritmo ao andar, percebem os elementos musicais por meio do corpo, de outros sentidos, pela percepção das vibrações, percepção vibrotátil. Esta percepção é tão real e equivalente a percepção sonora, visto que são estímulos processados na mesma região do cérebro.

Hagiara-Cervellini (2003) cita o exemplo de Ludwig van Beethoven, que perdeu a audição ao longo dos anos, mas continuou compondo com uso da memória musical e de adaptações em seu piano, como a retirada das pernas do instrumento para que, sentado no chão, pudesse sentir as vibrações e reconhecer as notas musicais. Afirma ainda que as crianças surdas são sensíveis a música, não só por meio da utilização de seus resíduos auditivos, mas também procurando percebê-la com todo o corpo, mediante as vibrações

do chão, das paredes e dos próprios instrumentos musicais pelos quais mostraram preferência, como o bumbo. Segundo a autora:

O Surdo expressa sua musicalidade à sua maneira, às vezes, diferente dos ouvintes, mas nem por isso, sente a música ou expressa sua musicalidade de maneira inferior à dos ouvintes. O meio pode ser diferente, mas o fim talvez não seja. Ainda nesse âmbito ela enfatiza que o sujeito Surdo deve ter todas as chances de uma vivência musical ampla que garanta o desenvolvimento de sua sensibilidade musical, lhe possibilite expressar sua musicalidade e dê condições de descobrir, explorar e se apossar dos elementos musicais como recursos para citar e resgatar a prática natural e fazer a própria música. (HAGUIARA-CERVELLINI, 2003, pp. 85-86).

Segundo tais reflexões, depreende-se que a interpretação de uma música na Língua de Sinais coloca pessoas surdas em igualdade no acesso à informação e ao conteúdo.

No trecho citado, o que mais nos chama a atenção é o fato de que a música deve, sim, ser oportunizada aos Surdos, apesar de muitos acreditarem no contrário. A experiência com a música fará com que eles expressem a sua musicalidade interna de forma a não os diferenciar das demais pessoas.

## 5. Literatura

Para Antônio Candido (1972), a literatura favorece o desenvolvimento humano, tanto o social quanto o individual. Transforma a realidade, pois possibilita a reflexão do real e desperta na criança à busca de uma conquista de seus desejos. A literatura é um instrumento que transmite conhecimento e a cultura de uma comunidade. Antônio Candido identifica três funções exercidas pela literatura: a função psicológica, a formadora e a social. A função psicológica desperta no homem a necessidade de fantasiar. A função formadora estimula o desenvolvimento educacional e a formação do homem. Enquanto a função social leva o indivíduo à sua identificação com o ambiente vivenciado na obra literária. Em “A literatura e a formação do homem”, Candido afirma que:

A literatura pode formar; mas não segundo a pedagogia oficial [...] ela age com o impacto indiscriminado da própria vida e educa como ela [...] Dado que a literatura ensina na medida em que atua com toda a sua gama, é artificial querer que ela funcione como os manuais de virtude e boa conduta. E a sociedade não pode senão escolher o que em cada momento lhe parece adaptado aos seus fins, pois mesmo as obras consideradas indispensáveis para a formação do moço trazem frequentemente aquilo que as convenções desejariam banir. É um dos

meios que o jovem entra em contato com realidades que se tenciona escamotear-lhe (CANDIDO, 2002, pp. 83/84).

O pensamento de Candido nos leva a perceber que a literatura possui papel primordial na educação da criança, em suas descobertas e curiosidades. Como arte, a literatura afeta o imaginário, a criatividade e estimula a linguagem. Possibilita ainda explorar a imaginação, contar histórias, manifestar emoções e transmitir elementos culturais outros.

A comunidade surda tem direito de acesso ao mundo literário, a interpretação em Língua de Sinais e a literatura surda têm demonstrado grandes conquistas de acesso ao imaginário e ao universo do sensível para os surdos, conforme experiências realizadas por muitos pesquisadores.

De acordo com os estudos de Williams e Mclean (1997), crianças surdas, acostumadas com leitura de livros de histórias em LIBRAS, tentam recontar as histórias. Descrevem os sentimentos das personagens baseando-se no texto e na ilustração. As crianças explicam razões para o comportamento das personagens e julgam as suas ações.

As crianças surdas passam pelas mesmas etapas que as crianças ouvintes no processo de aquisição de leitura e escrita. Ou seja, apresentam a capacidade de elaborar representações simbólicas e desenhos, de reconhecer os formatos das letras, para enfim chegar à forma convencional de aprendizagem da escrita e leitura. E para se desenvolverem precisam passar pelas etapas da aquisição de linguagem no seu tempo, com sua língua oral ou visual, para não terem um déficit na sua aprendizagem.

A LIBRAS possibilita o desenvolvimento cognitivo do surdo, favorecendo seu acesso a conceitos e conhecimentos existentes. É um direito da criança surda ter acesso à educação em sua língua e um dever do estado garantir que isso aconteça. Como a Língua de Sinais é uma língua viso-espacial, que explora o visual, as ilustrações na literatura infantil facilitam a compreensão, tanto das crianças ouvintes quanto das surdas. De acordo com Goodman (1998), a imagem tem sido compreendida como função estimuladora, colocada para interessar a criança no livro. O leitor participa ativamente na construção do sentido da história ao preencher as lacunas de significado, com base em pistas visuais presentes nas imagens.

Quadros (2000) comenta que o acesso à leitura e escrita pela criança surda teria duas “chaves preciosas”: o relato de histórias e a produção de literatura infantil em sinais.



Introduzir textos em Língua de Sinais, enquanto prática discursiva, dará condições para a criança surda de perceber como funciona o texto escrito. Esta possibilidade de trabalhar a Língua de Sinais via texto poderia ser concretizada através da utilização de vídeos em Língua de Sinais, contos de história por adultos surdos, teatros, música, etc.

Utilizamos a expressão “literatura surda” para histórias que têm a Língua de Sinais e a cultura surda presentes na narrativa. Várias histórias foram escritas em português e na Língua de Sinais. As ilustrações acentuam as expressões faciais e os sinais; elementos que traduzem aspectos da experiência visual.

## **6. Metodologia**

Este artigo é uma prévia de trabalho dissertativo em construção, que pretende, através do seguinte roteiro metodológico estruturar-se: percorrer os conceitos de Libras, Surdez, Educação Bilíngue; revisar estudos acerca do ensino e da educação literária e musical para surdos; relacionar teorias de aprendizagem, Libras, música e literatura; descrever e relacionar experiências e práticas assertivas em estudos literários e iniciação musical de surdos; mensurar a contribuição da literatura interpretada e da imersão musical para a aprendizagem do surdo e enfim discorrer sobre as experiências e orientações.

## **7. Conclusões Prévias**

Os estudos iniciais apontam para perspectivas otimistas para a educação de surdos com a comprovação científica da importância da musicalização e da atividade literária para o surdo. Delinearemos os benefícios da Iniciação artística em Literatura e Música para o surdo, auxiliada pela Interpretação em Língua de Sinais, para a educação dos surdos, desmistificando pré-conceitos acerca da educação de surdos e suas capacidades cognitivas, habilidades de significação e percepção musical.

Contribuindo assim com orientações para o Ensino, Letramento, Desenvolvimento Social, Cultural e Cognitivo de Estudantes Surdos no Estado de Goiás, bem como a construção de referencial teórico para orientação da Educação de Surdos no Brasil.

## Referências

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1997. Secretaria da Educação Fundamental.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. In: Ciência e cultura. São Paulo. USP, 1972.

CANDIDO, Antônio. Textos de intervenção. São Paulo: Duas cidades, 2002.

CHOMSKY, N. Novas perspectivas linguísticas. Petrópolis: Vozes, 1971.

CRUZ, A. L. de C. Music For The Deaf: A Qualitative Approach. In: LABBO, L. D., and FIELD, S. L. (eds) 1997. Conference Proceedings of the Qualitative Interest Group. Disponível na internet em: <http://www.coe.uga.edu/quig/Cruz.html>. Acesso em 15 de Junho. 2018.

FINCK, Regina. Ensinando música ao aluno Surdo: perspectivas para a ação pedagógica inclusiva. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009

GOLDFELD, M. A criança surda - linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista. Plexus, 1997. HALL, Stuart. The Work of Representation. In: HALL, Stuart (Org.) Representation. Cultural Representations and Signifying Practices. Sage/Open University: London/Thousand Oaks/New Delhi, 1997.

GOODMAN, Y. (org). Como as Crianças Constroem a Leitura e a Escrita, Porto Alegre, Artes Médicas, 1995.

HAGUIARA-CERVELLINI, N. A musicalidade do Surdo: representação e estigma. São Paulo: Plexus, 2003.

KARNOPP, Lodenir. Práticas de leitura e escrita em escolas de surdos. In: Fernandes, E.(org.) Surdez e Bilingüismo. Porto Alegre: Mediação, 2005.

LACERDA, C. B. F. de; LODI, A. C. O desenvolvimento do narrar em crianças surdas: o contexto do grupo e a importância da Língua de Sinais. Temas sobre Desenvolvimento, São Paulo, v.15. 2006.

PIAGET, J. A Linguagem e o pensamento da criança. Trad. Manuel Campos. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

PIERCE, Charles S. Semiótica e filosofia. São Paulo: Cultrix, 1972.

QUADROS, R. M. Alfabetização e ensino da Língua de Sinais. Canoas: Textura, 2000.

QUADROS, R. M. de. O bi do bilinguismo na educação de surdos In: Surdez e bilinguismo. 1º ed. Porto Alegre : Editora Mediação, 2005, v.1, p. 26-36.

QUADROS, R. M.; SCHMIEDT, M. L. P. Ideias para ensinar português para alunos surdos. Brasília: MEC; SEESP, 2006.

SKLIAR, Carlos. A surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 2005.

VYGOTSKY, Lev S. A Formação Social da Mente. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WILLIAMS, C.L. e MCLEAN, M.M. Young deaf children's response to picture book reading in a preschool setting. Research in The Teaching of English. 31(3), 337-350, 1997.